



11º Domingo depois de Pentecostes - (08.08.04) Próprio 15 (15.08.04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Jeremias 23.23-29

O título de "pastor" ou de "profeta" não é garantia de que a pessoa que o utiliza seja verdadeiramente pastor ou profeta. O profeta Jeremias, nesse trecho está se debatendo contra pessoas que ostentavam o título de profeta. Eram, porém, "profetas da corte", que anunciavam apenas aquilo que era de interesse da elite e, desse modo, legitimavam a política real. Seria bom que a leitura se iniciasse pelo menos no versículo 9. É contra esses "falsos profetas" que se recusam a anunciar o juízo, que Jeremias se levanta, exortando: "não deis ouvido às palavras dos profetas que vos encham de vãs esperanças".

O que diziam esses falsos profetas? Baseavam-se em sonhos e visões "levianos e mentirosos" (v.32) e pretendiam garantir a política do reino de Judá numa época em que tudo apontava para a invasão babilônica, como de fato aconteceu. Anunciavam "paz", mas todas as perspectivas apontavam para a guerra e a destruição. Jeremias ousou remar contra a corrente, discernindo as possibilidades históricas que eram as mais terríveis e por isso pagou o preço de ser perseguido e preso.

Vivemos numa época em que basta sintonizar o rádio e a TV em programas religiosos e veremos pessoas também anunciando paz e prosperidade baseando-se em sonhos e visões. O texto de Jeremias serve-nos de alerta. Mais importante que o título de "profeta" é possuir o discernimento profético da história (CEBC).

2ª leitura (Hebreus 12.1-7, 11-14)

Uma das mais terríveis consequências desta cultura *fast food* que pretende ter tudo instantaneamente nas mãos é a produção da incapacidade de se dedicar demoradamente sobre um trabalho sério. Uma vez que nosso almoço ou nosso lanche aparece instantaneamente diante de nós, uma vez que, ao digitar uma tecla em nosso PC o arquivo está salvo ou deletado, achamos que tudo na vida ocorre assim, num estalar de dedos. Como a vida não é assim, temos um elevado índice de abandono de cursos que demoram mais do que o desejado, temos um elevado índice de divórcio de pessoas jovens que pretendiam alcançar a felicidade e a realização na manhã seguinte. Já não estamos mais dispostos a "perder tempo" com nada, nem com família, nem com estudos, nem com trabalho, etc. Não nos damos conta, mas hoje já não conseguimos perseverar em quase nada, a não ser na falta de fé e de confiança no futuro. O grande tema por trás da carta de Hebreus é a falta de perseverança de muitos judeus à fé cristã e sua volta às fileiras judaicas. O autor procura agregar argumentos para convencer os dissidentes a permanecerem na fé. Neste contexto ele escreve as linhas que ouvimos hoje. Em função disso, meditaremos hoje sobre o seguinte tema: "para perseverar na fé". Diante do tema proposto, diríamos que, para perseverar na fé precisamos de, pelo menos, três coisas:

Para perseverar na fé precisamos, em primeiro lugar, observar os exemplos do passado. Embora muita gente não goste de estudar história, acredito que debruçar-se



sobre os livros de história podem ter uma ação surpreendente sobre nossas vidas. Com eles aprendemos que "não há nada de novo sobre a terra". Os grandes homens do passado se tornaram grandes justamente porque foram capazes de vivenciar exatamente as mesmas virtudes que são hoje tão necessárias. Para que perseveremos na fé, precisamos também olhar para o passado e aprender com os grandes mestres da história. Lá no passado veremos que estas grandes "testemunhas" foram homens capazes de deixar tudo por uma visão, e isto é fé. Abraão foi capaz de abandonar sua casa e seus parentes e sair em busca de uma terra que não conhecia. Isto é fé. É confiança e dependência última em Deus. Estes homens e mulheres descritos no capítulo 11 foram, também, homens e mulheres coerentes, e porque foram coerentes, "subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam bocas de leões". (11: 33) Estes homens e mulheres ainda estão diante de nos hoje para testemunhar sobre um estilo de vida que cativa, que encanta e que convoca pessoas em um mundo sem ícones e sem mitos.

Para perseverar na fé precisamos, em segundo lugar, tomar atitudes no presente. Olhar para esta grande nuvem de testemunhas é perceber que eles assumiram atitudes de rupturas. Eles deixaram, eles abandonaram, eles romperam. Eles foram capazes de se desestabilizar em nome daquilo que acreditavam e pelo que viviam. Em função desta escolha, muitos deles foram "apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados" (11:37) mas receberam em seus epitáfios a inscrição "HOMENS DOS QUAIS O MUNDO NÃO ERA DIGNO". (11:38) A atitude que é exigida de nós, segundo 12:1 é muito clara: "desembaraçando-nos de todo o peso e do pecado que tenazmente nos assedia...". É preciso, então "desembaraço", "abandono", "deixar de lado", "romper" com qualquer "peso" que nos "prenda" ou nos "segure" a um lugar. Qualquer coisa que nos aprisiona a uma realidade que mantém o pecado, ou seja, o princípio da disjunção, da segregação e da separação, precisa ser deixado e abandonado. Uma vez que o pecado nos assedia "tenazmente", precisamos tomar atitudes radicais. E além disso, precisamos assumir os riscos de uma nova vida de fé. O batismo e a confirmação são dois momentos importantes para que estas escolhas sejam definitivamente tomadas.

Para perseverar na fé precisamos, em terceiro lugar, assumir uma proposta para o futuro. Nossa proposta para o futuro é descrita neste texto pela palavra "correr". "Corramos, com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus". (12:1, 2a) Ao falar em "correr", o autor está se referindo aos jogos que os gregos tão bem conheciam. Já Paulo se referia à nossa vida cristã como uma corrida quando escrevia aos Coríntios. (I Co 9:24). Neste texto da Epístola aos Coríntios Paulo nos diz que devemos correr "de tal maneira" que alcancemos o alvo, ou seja, a coroa. Nossa vida deve ser comparada com um tipo de corrida que envolva perseverança. Um passo de cada vez, mas sempre com convicção de se estar andando. Além disso, nossa carreira também deve ser uma carreira que possua um alvo. Neste caso, nosso alvo deve ser Jesus. É para ele que devemos olhar. Ele é o alvo, o "ponto ômega", aquele para quem todo o universo conflui. Viver uma vida "cristica" deve ser o desejo de todos aqueles que querem perseverar na fé, mas pra



isso, precisamos – antes de tudo - reconhecer que ele é nosso Senhor e que sua vontade deve ser cumprida.

A vida cristã envolve altos e baixos, acertos e erros, vitórias e derrotas. Mas se queremos perseverar nesta fé teremos que estar abertos para os grandes exemplos do passado, teremos que ter coragem para tomar decisões importantes no presente e, também de assumir uma proposta de vida para o futuro. Se assim fizermos, talvez nossa vida não seja uma vida emblemática como a de tantos mártires da fé, mas certamente, será uma vida que glorifica a Deus e edifica o mundo. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 12.49-56

Toda a segunda parte da narrativa de Lucas, a partir de 9.51 é marcada pela firme resolução de Jesus em se encaminhar para Jerusalém e nessa viagem começa a se revelar com mais clareza o propósito de sua vida. O mesmo Jesus que rejeitara enviar fogo do céu contra os samaritanos, agora emprega linguagem escatológica, fortemente marcada pelas manifestações sobrenaturais, entre elas o fogo do juízo. Aos poucos começa a ficar claro que ele começou uma viagem rumo à morte. Seus discursos são motivados agora pela urgência de provocar nos ouvintes uma decisão radical pelo Reino e seus valores. Diante do que Jesus propõe, as pessoas tem que se decidir. É nesse contexto que encontramos o texto de hoje, no qual Jesus afirma que ele veio causar divisão e trazer fogo. Há muita semelhança entre a palavra de Cristo e o texto de Jeremias. Jesus não é como os falsos profetas que anunciam paz quando não há paz. Ao contrário, muitas vezes o compromisso com Jesus exigirá o rompimento com compromissos familiares. Como entender isso?

Apesar de aparentemente diferentes, as imagens do batismo e do fogo referem-se ao mesmo evento. O fogo consome uma velha realidade, assim como as águas do batismo apagam as marcas da contaminação pela velha realidade. Fogo é uma imagem de julgamento. Um dito não-canonico de Jesus encontrado no Evangelho de Tomé, afirma: “quem está ao meu lado, está ao lado do fogo; quem está longe de mim, está longe do Reino”. Isso significa que o compromisso com os valores do Reino exige rompimento com valores sedimentados na sociedade.

Jesus recorre a uma imagem típica da experiência popular de tirar conclusões a respeito do clima pela simples observação das nuvens. Essa é a ponte para dizer que é preciso também discernir o significado da época, ou do tempo inaugurado por Cristo – tempo de decisão pelo Reino.

Hoje em dia há em diversas igrejas ministérios especializados em unir famílias. Porém, é preciso nos lembrar que algumas vezes o compromisso com a radicalidade do Reino exige o afastamento de certos vínculos familiares, sobretudo quando a tradição familiar está empenhada na preservação e continuidade desse mundo, da acumulação do capital e da concentração de renda, da separação de classes e da pretensa superioridade das elites. Esse é um bom motivo para que um filho fique contra um pai ou uma nora contra a sogra. Os valores do Reino, nesse caso, sempre trarão divisão para aqueles que são batizados. (CEBC).